ípsilon

CRÍTICA

Isto aqui não é um título

Onde Está o Casaco?, uma obra de Ana Jotta, Cyriaque Villemaux e João dos Santos Martins apresentada em estreia absoluta no Circular – Festival de Artes Performativas de Vila do Conde, é uma sátira mordaz sobre a iniquidade das coisas.

★ ★ ★ ★ ★

Alexandra Balona • 1 de Outubro de 2018, 22:07

MARGARIDA RIBEIRO

Numa célebre conferência intitulada *O acto criativo* (1957), Marcel Duchamp comentou: "O que a arte é na realidade é esse elo perdido, não os elos que existem. A arte não é o que se vê, a arte é a lacuna." Essa falha ou lacuna, esse espaço não-retinal e infrafino é o que estende o limite das possibilidades. E quando quase tudo se desenrola na margem de incerteza que separa o signo do significado, que separa as

palavras das coisas (como nos mostrou Foucault), ou as imagens da linguagem (como René Magritte ilustrou na célebre pintura *La Trahison des Images*, de 1929, mais conhecida por "Ceci n'est pas une pipe", e que inspira o título desta reflexão), essa margem é generativa, e o humor e a ironia resultantes são germinais.

Em *Onde Está o Casaco?* (2018), uma obra de Ana Jotta, Cyriaque Villemaux e João dos Santos Martins apresentada em estreia absoluta no Circular — Festival de Artes Performativas de Vila do Conde, o título propõe, desde logo, esse jogo incongruente. O casaco que não está lá é, naturalmente, o que menos importa. A pergunta evoca, por um lado, a desconexão entre discurso e evento, expondo a arbitrariedade da linguagem, tão presente na admirável e desconcertante prática artística de Ana Jotta. Por outro lado, remete para aquele cabide vazio que pontuava o cenário da coreografia *Autointitulado* (2015), de João dos Santos Martins e de Cyriaque, uma citação ao *ready-made* duchampiano. *Autointitulado* explorava também a potencialidade da prática do ensaio — essa prática do erro e da experimentação, a tal margem generativa — para a composição coreográfica. Assim, este título remetendo para o precedente despoleta aqui a linha do absurdo e do heteróclito que irá pautar toda esta obra, verdadeiramente genial e plena de humor.

★★★★★

Circular - Festival de Artes Performativas de Vila do Conde 2018

ONDE ESTÁ O CASACO? (2018)

De Ana Jotta, Cyriaque Villemaux e João dos Santos Martins

TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON

"S" de Tânia Carvalho num momento histórico da CNB

BRUNO SIMÃO

Escolhas
Claudia Galhós

S
De Tânia Carvalho/CNB

UM [UNIMAL]
De Cristina Planas Leitão

RUMOR
De Joana Providência

ONDE ESTÁ O CASACO?
De Ana Jotta, Cyriaque Villemaux e João dos Santos Martins

PARECE QUE O MUNDO
De Clara Andermatt e João Lucas

TRAGÉDIE
De Olivier Dubois

A MEIO DA NOITE
De Olga Roriz

DOCUMENTÁRIO
De Joclécio Azevedo

COMPANHIA
De João dos Santos Martins

VENEZUELA
De Ohad Naharin/ Batsheva Dance Company

Vergonha e comoção

Dos sentimentos em vias de extinção se faz também a dança de 2018

TEXTO **CLAUDIA GALHÓS**

São corpos precários que surgem nesta dança. Corpos subjugados à imposição de um movimento mecânico que se digladiam entre amor e morte, mas que recusam ser silenciados. Foi histórico o ano que passou para a Companhia Nacional de Bailado. Paulo Ribeiro não chegou a completar o segundo ano como diretor artístico, demitindo-se em julho por "falta de dinheiro e vontade política", disse então. Não é esse o facto histórico, apesar da inusitada passagem fugaz por aquele cargo, mas o de ter concretizado o arrojo de programar um ciclo de peças com a assinatura de uma criadora portuguesa, com uma estética radicalmente contemporânea e pessoal, não imediatamente evidente como escolha: Tânia Carvalho repôs "Olhos Caídos" e "A Tecedura do Caos" e criou uma obra nova, "S". Em "S" põe em marcha um dilema muito atual: talvez valha a pena interrogar de que modo construímos o futuro? Importa olhar para trás. Tânia fê-lo, tocando no imaginário do bailado romântico "La Sylphide" e em toda uma mitologia em seu redor, também amorosa. Mas esse gesto de encontro com esses outros corpos não é mera reconstrução, releitura ou reformulação. Ela não procura atualização e não busca também encontrar um sentido contemporâneo para a obra original. Não se trata de *reenactment* nem de construir um discurso sobre a pertinência atual da obra. O que Tânia faz é passear-se livremente por impressões fugazes que o bailado lhe desperta, com tanta austeridade quanto sentido de humor que lhe é característico, revelando assim a naturalidade da fusão entre mundos aparentemente tão distantes: o das figuras quase marionéticas que habitam a sua dança, com jogos de articulação geométrica fragmentada do esqueleto e as qualidades interpretativas dos bailarinos da CNB. Nesse sentido, nunca a CNB havia sido tão radical, inconformada e pertinente na problematização do que é a sua missão nestes tempos de impermanência e contradição. Curiosamente, de modo diverso, a reivindicação de um corpo poético mas empenhado, precário, em confronto permanente — até de violência em alguns casos — com o social, o político e o económico, surge equacionada de modos diversos. A questão do confronto de forças, entre dominantes e dominados, privilegiados e excluídos, ecoa por aqui, como réplicas distante de um certo espírito do tempo que nas últimas semanas tem gerado tumultos nas ruas de Paris. Há muito pouca neutralidade ou desafetação nestas peças, mesmo naquelas em que surge uma interrogação das próprias formas e mecanismos da linguagem artística tratada: a dança contemporânea. O corpo manifesto de Cristina Planas Leitão, em "UM [Unimal]", num combate dúbio entre quem ordena e quem executa, é um exemplo. Mas também esse "Rumor" que Joana Providência instala em cena, que traz fantasmas da possibilidade da opressão, desenterrado por inspiração na obra de um artista plástico, Christian Boltanski, que transmite um sentimento humano em risco de extinção, aquele de que Kafka falava em tom confessional: "Sinto-me comovido e envergonhado." ●

ípsilon

BALANÇO 2018

Dança: o melhor do ano

Escolhas de Alexandra Balona, Inês Nadais e Luísa Roubaud.

21 de Dezembro de 2018, 6:00

OLEG DEGTIAROV

10

Vader

De Peeping Tom

VISEU. Teatro Viriato (8/02); GUIMARÃES. Centro Cultural Vila Flor / GUIdance (10/02)

Com humor agridoce, *Vader* traz para a ribalta um assunto tendencialmente obliterado na sociedade (e nos palcos): o envelhecimento institucionalizado. No esplêndido registo plástico que lhes conhecemos, em que o hiper-realista e o surreal se confundem, o colectivo belga Peeping Tom fala-nos com uma ligeireza só aparente de questões complexas: o declínio do corpo, a dignidade e a culpa, os subterrâneos das relações familiares, as solidões invisíveis, o tempo existencial que inexoravelmente se escoa. **L.R.**

KUNSTHALLE

9

Service No. 5: Dare to Keep Kids off Naturalism

De Adam Linder

PORTO. Museu de Serralves (24/03)

Uma proposta composta por um objecto — o contrato celebrado com o Museu de Serralves, gesto de implicação política — e uma performance duracional declinada em oito "situações" que visam destabilizar a neutralidade do espaço expositivo. As situações surgem como imagens vivas de naturezas estranhas e seres híbridos, entre a performance e as artes visuais, e o espaço do museu é contaminado com teatralidade e ornamentação, através de estratégias de jogo, manipulação e alegoria. **A.B.**

KERSTIN BEHRENDT

8

Inoah

De Bruno Beltrão

LISBOA. Culturgest / Alkantara Festival (4 e 5/06)

Há já década e meia em trajectória fulgurante, o brasileiro Bruno Beltrão confirma que o hip-hop entrou para ficar de vez na dança cénica. Em *Inoah,* denso e depuradíssimo estudo analítico do virtuosismo das danças urbanas, examina os extremos da vertigem e da suspensão, e continua a surpreender-nos com novas interpelações do universo idiomático e ético do hip-hop a partir dos questionamentos da dança pós-moderna. **L.R.**

STEVE GUNTHER

7

Minor Matter

De Ligia Lewis

PORTO. Teatro Municipal — Campo Alegre / Festival DDD — Dias da Dança (29/04)

Em *Minor Matter*, a caixa negra e despojada do teatro resiste a políticas identitárias e cumplicidades institucionais. Ligia Lewis não encena o desânimo nem a insurgência da negritude, mas mobiliza através do som e do movimento uma densidade coreográfica de afectos e de ansiedade que traz até ao palco uma abundância de gestos e tempos históricos. Combinam-se estruturas de suporte com resistência e agressividade, num espaço que não deseja ser desolador mas celebratório. **A.B.**

BRUNO SIMÃO

6

Quarta-feira: O Tempo das Cerejas

De Cláudia Dias

LISBOA. Teatro Maria Matos / Alkantara Festival (7 a 9/06); PORTO. Teatro Municipal — Campo Alegre / FIMP (14/10); ALMADA. Teatro Municipal Joaquim Benite (24/11

Terceira das sete peças com que pretende consumar, até 2022, o fim da sua carreira como bailarina e coreógrafa, *Quarta-feira: O Tempo das Cerejas* radicaliza o trabalho de Cláudia Dias, robustecendo tanto a clareza da sua

mensagem política quanto a expressividade das suas metáforas cénicas. Ano após ano, a sua lenta retirada confirma-se como um dos acontecimentos mais consistentes do presente da dança portuguesa. **I.N.**

ALÍPIO PADILHA

5

Onde Está o Casaco?

De Ana Jotta, Cyriaque Villemaux e João dos Santos Martins

VILA DO CONDE. Auditório da Santa Casa da Misericórdia / Festival Circular (28/09); LISBOA. Sociedade Musical Ordem e Progresso / Festival Temps d'Images (17 e 18/11)

Esta montagem dadaísta de breves cenas dançadas e cantadas, combinando o virtuosismo, com o humor e o absurdo, convoca, de um modo hilariante, gestos e movimentos de diversas referências coreográficas e cinematográficas, cruzando-os com excertos musicais em francês, russo e alemão evocativos de marchas, canções de revolução e músicas para crianças. Uma sátira mordaz ao contemporâneo, com um olhar anacrónico que combina a ingenuidade infantil e a incongruência do real. **A.B.**

ESTELLE HANANIA

4

Crowd

De Gisèle Vienne

LISBOA. Culturgest (8 e 9/12)

Crowd era para ter sido a *Sagração da Primavera* de Gisèle Vienne – um revés de produção desviou a peça desse propósito, libertando a marionetista, encenadora e coreógrafa francesa para a exploração das *raves* berlinenses dos anos 90 enquanto manifestação contemporânea do ritual. Densos e hipnóticos, absolutamente milimétricos, os movimentos dos bailarinos, extraídos de linguagens como as danças urbanas e os GIF animados, induzem o transe não apenas no palco como na plateia. **I.N.**

BENIAMIN BOAR

3

7

De Radouan Mriziga

LISBOA. São Luiz Teatro Municipal / Alkantara Festival (25 e 26/05)

Uma soberba demonstração de que compor uma dança é parte de uma experiência cosmológica e espiritual. De que, da composição coreográfica às proezas da arquitectura, o corpo humano é a unidade de medida. De que tais padrões métricos são a essência das artes clássicas, e que chegam a nós desde civilizações milenares. *Z* é um engenhoso e belíssimo pequeno tratado artesanal a colocar lado a lado, e à mesma escala, ciência e intelecto, simbólico e transcendente. **L.R.**

PAULO PIMENTA

2

Margem

De Victor Hugo Pontes (a partir de Jorge Amado)

LISBOA.Centro Cultural de Belém (27/01 a 1/02); Braga. Theatro Circo (19/04); Torres Novas Teatro Virgínia (19/05); PORTO. Teatro Municipal — Campo Alegre / FITEI (16 e 17/06); AVEIRO. Teatro Aveirense (20/10)

Os rebeldes com causa que Jorge Amado canonizou num romance de 1937 não morreram – no Portugal de 2018, Victor Hugo Pontes foi encontrá-los em duas instituições de acolhimento para menores em risco, mas também na energia ainda em bruto, por dilapidar, de um elenco abaixo dos 20 anos, a que os textos de Joana Craveiro vieram

acrescentar um peso que vai para lá do existencial. Entre o suor e as lágrimas, entre a batida dos Throes + The Shine e o turbilhão hormonal, *Margem* não é só adrenalina: também é um manifesto. **I.N.**

JOSÉ CALDEIRA

1

Romances Inciertos. Un Autre Orlando

De François Chaignaud e Nino Laisné

PORTO. Palácio da Bolsa / Teatro Municipal do Porto (26 e 27/10)

No sumptuoso Salão Árabe do Palácio da Bolsa, acompanhado ao vivo por um quarteto musical de sonoridades mouriscas e hispânicas, o bailarino e coreógrafo francês François Chaignaud apresentou um deslumbrante recital musical e coreográfico em três actos, evocativo das óperas-ballet, e resultado de uma longa pesquisa ancorada na história, na etnografia e nas tradições musicais e coreográficas espanholas. Encarnando sucessivamente três figuras-arquétipo da cultura hispânica — a Doncella Guerreira, o arcanjo São Miguel e a cigana Tarara —, numa assumida evocação das metamorfoses do Orlando de Virginia Woolf (que emerge dos seus sonos prolongados ora em corpo de homem, ora de mulher), Chaignaud evidenciou a intemporalidade e o profundo enraizamento na tradição oral e no imaginário popular das questões de identidade, de género e de alteridade que adquiriram tanta premência na contemporaneidade. No primeiro acto, o bailarino surge como a Doncella Guerreira que abdica do matrimónio em prol da vocação militar, em movimentos vigorosos reminiscentes das danças populares espanholas. No segundo momento, evocando a andrógina figura erótico-religiosa do arcanjo São Miguel, apresenta-se em andas em madeira, entre a ascensão e a queda, num permanente estado de desequilíbrio. Por último, dá corpo à bela e incompreendida cigana Tarara, com altos sapatos negros que acentuam o clamor do flamenco. Na sua

ambivalência entre o deslumbramento e a inquietude, a luz e a sombra, esta preciosa obra vive da inatingível conciliação da exuberância e da fragilidade destas figuras e, por arrastamento, das representações culturais de género. **A.B.**

Os melhores de 2018 para o Ípsilon

TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON | BALANÇO 2018 | DANÇA | CLÁUDIA DIAS | FRANÇOIS CHAIGNAUD | FESTIVAL DDD - DIAS DA DANÇA | FIMP

ípsilon

DANÇA

Dois bailarinos, uma artista plástica e uma dança feita de restos

***Onde Está o Casaco?*, espectáculo em estreia no festival Circular, esta sexta-feira em Vila do Conde, é uma colaboração entre João dos Santos Martins, Cyriaque Villemaux e Ana Jotta.**

Mariana Duarte · 28 de Setembro de 2018, 8:23

JOSÉ COSTA

Há cerca de um ano, João dos Santos Martins (n.1989), coreógrafo e bailarino, apareceu em casa de Ana Jotta (n.1946), artista plástica, e foi amor à primeira vista. “Fiquei muito contente quando o João me convidou para trabalhar com ele. Gostei logo muito dele.” É assim, resumidamente e carinhosamente, que Ana Jotta, um dos nomes mais importantes da arte contemporânea portuguesa, descreve o primeiro de muitos encontros que viriam a

resultar em *Onde Está o Casaco?*, espectáculo em estreia absoluta, esta sexta-feira às 21h30, no Auditório da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, integrado na recta final da 14.ª edição do Circular – Festival de Artes Performativas, co-produtor desta peça juntamente com a instituição francesa CND – Centre National de de la Danse.

Esta não é a primeira vez de Ana Jotta nas artes performativas, mas há já 30 anos que não trabalhava directamente com o meio. Regressa agora como figurinista e "decoradora" (não gosta da palavra cenógrafa), para um espectáculo que é, na verdade, uma história a três. A ela e a João dos Santos Martins junta-se o coreógrafo e bailarino francês Cyriaque Villemaux (n.1988), cúmplice de longa data do coreógrafo português, com quem criou *Autointitulado* (2015), peça que é, em muitos sentidos, o embrião deste novo trabalho.

"Este projecto surge na continuidade do *Autointitulado*. Eu e o Cyriaque estávamos muito interessados em trabalhar sobre a ideia de sobra, de resto", introduz João. Há um processo de reciclagem, desconstrução e descontextualização de coreografias do trabalho anterior, aqui "refeitas" com "outros condicionamentos espaciais e temporais, que criam uma espécie de monstro coreográfico, sem ponta por onde se lhes pegue". "São rabiscos, quase. São restos de coisas que estão de tal modo amalgamadas e

descontextualizadas que são uma forma desconexa", explica João dos Santos Martins, um dos vários criadores que o Ípsilon apontou em Março como obrigatórios a acompanhar nas artes portuguesas nos próximos anos.

Onde Está o Casaco? lida também com os "restos de uma castração da educação em dança", aponta João, que desde cedo estabeleceu nas suas criações uma relação discursiva e crítica com o cânone da dança e as tipologias de corpos muitas vezes preconizadas pelos sistemas de ensino dessa área. "É difícil conseguires desligar-te da forma como o teu corpo foi educado para fazer determinadas coisas, mas queres desprender-te totalmente disso porque não faz parte da conceptualização que queremos fazer do nosso próprio corpo ou de como queremos dançar."

TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON | DANÇA | CIRCULAR - FESTIVAL DE ARTES PERFORMATIVAS | ARTES | VILA DO CONDE | ARTES PERFORMATIVAS